



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO
PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INTERDISCIPLINARES

CÍCERA DANTAS DA SILVA

LEITURA: Fonte de prazer e de conhecimento

ITAPORANGA - PB

2014

CÍCERA DANTAS DA SILVA

LEITURA: Fonte de prazer e de conhecimento

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual de Paraíba, em convênio com Escola de Serviço Público do Estado da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Especialista.

Orientador: Prof. Dr. Alex da Silva

ITAPORANGA - PB

2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S586I Silva, Cícera Dantas da
Leitura: fonte de prazer e de conhecimento [manuscrito] : /
Cícera Dantas da Silva. - 2014.
35 p.

Digitado.
Monografia (Especialização em Fundamentos da Educação:
práticas pedagógicas interdisciplinares) - Universidade Estadual da
Paraíba, Pró-Reitoria de Ensino Médio, Técnico e Educação à
Distância, 2014.
"Orientação: Prof. Dr. Alex da Silva, Departamento de
Secretaria de Educação a Distância".

1. Leitura 2. Aprendizagem 3. Recursos informacionais. I.
Título.

21. ed. CDD 372.4

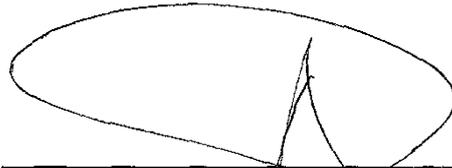
CÍCERA DANTAS DA SILVA

LEITURA: Fonte de prazer e de conhecimento

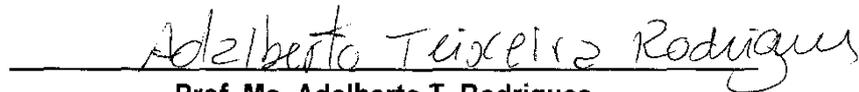
Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual de Paraíba, em convênio com Escola de Serviço Público do Estado da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Especialista.

Aprovada em 27, 03, 2014

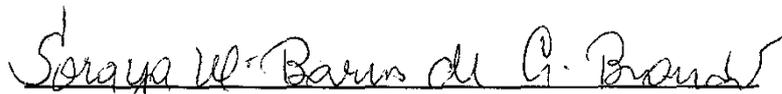
Banca Examinadora



Prof. Dr. Alex da Silva
UEPB



Prof. Ms. Adalberto T. Rodrigues
UEPB



Prof. Ms. Soraya M. Barros de A. Brandão
UEPB

A Deus por ter me dado persistência e força para perseguir este sonho, ao meu marido Geraldo e a minha filha Giulianna, por terem acreditado em mim.

AGRADECIMENTOS

A Deus que incomparável e inconfundível na sua infinita bondade compreendeu os meus anseios e me deu a necessária coragem para atingir o meu objetivo

Aos colegas de sala, uma promessa; Amizade.

Aos professores, uma palavra; Reconhecimento.

Ao Governo da Paraíba pela oportunidade dessa qualificação profissional.

RESUMO

O estudo se propõe a contemplar as discussões teórico-metodológicas do processo de leitura, direcionado para a temática da Leitura Fonte de Prazer e Conhecimento. Espera-se poder contribuir com subsídios para os professores orientar os alunos e que estes possam ler textos adequados para sua faixa etária de forma autônoma e a utilizar os recursos ao seu alcance para se referir às dificuldades dessa área e que aprenda a utilizar a leitura com fins de informação, lazer e aprendizagem. Busca-se objetivar, a formação de leitores e escritores para atingir aos anseios da sociedade, garantindo a todos o direito de aprender a ler e escrever na escola não apenas como condição para adquirirem os conhecimentos de todas as áreas, mas terem acesso a cultura letrada e a plena participação social. Por outro lado, não esquecemos nesse estudo que o interesse, se cria, se suscita e se educa e que devemos estimular constantemente através de atividades prazerosa o gosto pela leitura e a produção textual.

PALAVRAS-CHAVE: Leitura. Prazer. Aprendizagem. Alunos.

ABSTRACT

The study aims to consider the theoretical and methodological discussions of the reading process, targeted to the theme of Reading Pleasure Power and Knowledge. Expected to contribute to subsidies for teachers to guide students and enable them to read texts appropriate for their age group autonomously and to use the resources at your fingertips to refer to the difficulty in this area and they learn to use reading for purposes of information, entertainment and learning. Seeks to objectify, training of readers and writers to meet the expectations of society, guaranteeing everyone the right to learn to read and write in school not only as a condition for acquiring the knowledge of all areas, but have access to literacy and full participation in society. On the other hand, do not forget that in this study the interest is created, it raises and educates and we should constantly stimulate pleasurable activities through the love of reading and text production.

KEYWORDS: Reading. Pleasure.Learning.Students.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	09
2. REFERENCIAL TEÓRICO	12
2.1 Leitura e Conhecimento	12
2.2 Leitura: Novas Perspectivas da Política de Ensino	18
2.3 Importância da Leitura no Ensino Fundamental	22
3. METODOLOGIA E ANÁLISE	29
4 CONCLUSÃO	31
5 REFERÊNCIAS	34

1. INTRODUÇÃO

Um dos maiores desafios do professor é ensinar os alunos a ler e compreender o que leem. Portanto o presente estudo de caráter bibliográfico “LEITURA FONTE DE PRAZER E DE CONHECIMENTO” tem como objetivo propiciar situações de aprendizagens para que os alunos se descubram cidadão do mundo.

Esse estudo teve sua motivação nas dúvidas e na ansiedade ocasionadas durante a nossa prática docente. Enquanto professora do ensino fundamental nas séries iniciais sempre foquei nas discussões, que a escola só poderá avançar o índice de repetência e a evasão diminuir, quando os alunos alcançarem o sucesso na aprendizagem, quando obtiverem o domínio da leitura.

Percebe-se hoje nos alunos um grande índice de dificuldades na leitura. Essas observações possibilitaram uma reflexão sobre o problema, levando-nos as hipóteses de que a razão das dificuldades estaria no pouco acesso aos diversos gêneros textuais e a falta de motivação? Ou a falta de relação das leituras propostas com as atividades preferidas pelas crianças?

Esses questionamentos, os constantes diálogos e reflexões com professores resultaram na elaboração desse estudo que reconhece ser fundamental a necessidade da iniciação da leitura pelo indivíduo desde cedo, para isso pretende subsidiar a prática do professor em sala de aula desencadeando o processo de discussão, análise e avaliação na forma de como são definidos e trabalhados a leitura e a escrita.

Ler e escrever para garantir nota parece ser um objetivo muito pobre diante da possibilidade de compreender que, através da leitura e da escrita, podemos ampliar nossos conhecimentos sobre nós mesmo e o mundo em que vivemos.

É importante lembrar que a escola, como representação do cotidiano em permanente transformação, deverá criar condições efetivas de uma participação marcante de alunos e educadores no processo ensino aprendizagem. Portanto, a reflexão sobre a prática docente será direcionada para importante aspecto da vida em sociedade.

O aluno de hoje está exposto a uma multiplicidade de material escrito. Todos precisam estar aptos a compreender essa quantidade de material impresso que os

nossos olhos veem todos os dias. Para isso é preciso que ele saiba ler tanto um aviso quanto uma bula de remédio, é preciso saber procurar um nome numa agenda telefônica. Poucos alunos tem acesso a tecnologia apesar dos avanços até aqui.

Voltando para a nossa reflexão anterior motivo principal para a construção desse estudo: Se o despertar do gosto pela leitura se a iniciação literária não está ocorrendo em casa, é para a escola que se voltam às expectativas da sociedade. Alfabetizar a criança não basta, é preciso que ele se torne um bom leitor, quer dizer um leitor qualitativo e quantitativamente competente. Sendo assim evidencia-se o nosso objetivo mais amplo que é a necessidade de inculcar no educando, o hábito de ler através de práticas textuais. Ampliar a visão de mundo, inserindo as crianças na cultura letrada; Valorizar a leitura como fonte de informação, na busca de uma aprendizagem significativa; Perceber a vinculação da fala-escrita e como ela é representada, de forma contextualizada nos rótulos e embalagens;

O propósito da pesquisa é trazer uma nova perspectiva de trabalho envolvendo livros de literatura infantil, rótulos e embalagens que são portadores de textos que fazem parte do dia-a-dia dos alunos, com isso favorecerão oportunidades de aprendizagem proporcionando-lhes aquisição de autonomia progressiva e que sirva de referência para construir novos conhecimentos no âmbito da leitura e da escrita. Dessa forma esse estudo traz as seguintes contribuições: Possibilitar ao professor um trabalho apoiado em referências curriculares que estejam em consonância com os conhecimentos prévios dos alunos, inovando suas metodologias em busca de incentivo a prática de leitura na escola.

Contribui ainda para privilegiar a resolução do problema, objetivando a formação de leitores competentes, participativos, ativos nas várias instâncias sociais, tendo em vista que o ato de ler proporciona a descoberta do mundo da leitura, um mundo totalmente novo e fascinante.

Espera-se que o estudo subsidie o professor para trabalhar o aluno de forma que este possa ler textos adequados para sua faixa etária de forma autônoma e a utilizar os recursos ao seu alcance para superar as dificuldades dessa área e que aprendam a utilizar a leitura com fins de informação e aprendizagem.

Para fundamentar o presente estudo buscamos orientações e embasamento teórico como: Freire (1999), Orlandi (2001), Vargas (1993), Kleiman (2000), entre outros que trabalham com processo de leitura na escola. Tomamos também como referência os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs (1997) a Lei de Diretrizes e

Bases nº 9.394/96 que fixa normas sobre a formação de leitores e escritores e evidencia que não se deve ensinar a leitura apenas com base na decodificação.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Leitura e Conhecimento

Ler é atribuir significações. No sentido mais amplo do termo, leitura é um ato concreto de relação de um sujeito leitor com um objeto de leitura que pode ser o mundo, um texto verbal ou não verbal.

A experiência como educadora tem mostrado o quanto os saberes resultam, em grande parte, das experiências com leitura. O ato de ler jamais se configura com um processo passivo. Longe de ser isso, pode exigir “descoberta e recriação, a leitura requer uma produção e sempre supõe trabalho do sujeito-leitor”. Nesse sentido, ler é um modo não apenas de conhecer algo, mas também de praticar a cultura.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais

Ao se caracterizar a leitura como uma prática sócio-cultural, exigindo esforço por parte do leitor, não se deva compreender que ler é um ato desvinculado do prazer. Estabelecer essa dicotomia é se deixar levar por uma perspectiva muito divisionista que estabelece uma cisão entre o trabalho e o prazer. Urgentemente carecemos superar essa visão à medida que, no prazer da leitura, ou seja, na ampliação do campo possível. (BRASIL, 1996, p. 53).

Por meio do jogo criador, co-existem conhecimento e conscientização. Verdadeiramente, fluir o texto literário, crescer pessoalmente e transformar-se politicamente é parte de um mesmo ato.

Para Koch (1997), o processamento textual deve ser visto como uma atividade tanto de caráter linguístico, como de caráter sóciocognitivo. Para o seu processamento, contribuem três grandes sistemas de conhecimento: o linguístico, o enciclopédico e o internacional. As estratégias de processamento textual implicam na mobilização “on-line” dos diversos sistemas de conhecimento e podem ser divididas em três tipos: estratégias cognitivas, sócio-interativas e textuais.

Segundo a autora, uma boa leitura seria aquela em que o leitor consegue perceber que além da significação explícita, existe a significação implícita que está ligada a intencionalidade do “emissor”. Assim defende a ideia de que o texto apresenta uma multiplicidade de interpretação ou de leituras, não sendo possível

atribuir apenas uma interpretação como única e verdadeira. Porém, nem toda compreensão é válida; pois a compreensão de um texto consiste na apreensão das significações possíveis que são representadas através de “marcas linguísticas” que funcionam como “pistas” para que o leitor faça a “decodificação” adequada.

Assim sendo, o aluno precisa ser preparado para reconhecer essas marcas e alertado para o fato de que elas estão inseridas na própria gramática da língua. É preciso também fazer com que o aluno saiba que através das pistas que são fornecidas pelo texto é possível não só a reconstruir o evento da enunciação, como também recriá-lo a partir do conhecimento e da visão de mundo de cada um. Conseqüentemente, em cada nova leitura de um texto poder-se-á descobrir novas significações.

A autora enfatiza que se essas habilidades foram desenvolvidas, elas constituir-se-ão na competência de leitura e, conseqüentemente, o aluno deixará de ser um “elemento passivo” e participará como “sujeito ativo” do ato de ler.

Citando Paulo Freire, Koch (1996), ressalta a importância do ensino da leitura para que o aluno torne-se “sujeito do ato de ler” e seja capaz de “ler o mundo”, demonstrando criticidade diante da realidade em que está inserido. Para que o aluno torne-se apto para isso, o professor exerce papel fundamental. Durante as atividades de sala de aula, o professor deve mostrar ao aluno que um texto apresenta diversos níveis de significação.

Orlandi (1999) para quem a leitura deve ter uma importante função no trabalho intelectual considera-a como uma questão linguística, pedagógica e social ao mesmo tempo. Diz que “a leitura não deve ficar restrita ao seu caráter mais técnica, por isso conduziria ao seu tratamento em termos de estratégias pedagógicas imediatistas” (ORLANDI, 1999, p. 635).

Orlandi (1999) afirma ainda que, na leitura de um texto, não há apenas a decodificação e a constatação de um sentido que já está dado nele. Para Orlandi o texto não deve ser entendido apenas como um produto deve-se observar o processo de sua produção, da sua significação (ORLANDI, 1999, p. 38).

Conseqüentemente, o leitor não aprende um sentido que está no texto, mas sim atribui sentido ao texto. Logo a leitura é produzida e procura-se determinar o processo e as condições de sua produção. São mencionados como componentes das condições de produção de leitura: os sujeitos (autor e leitor), a ideologia, os diferentes tipos de discurso e a distinção entre leitura parafrásica e a polissemia.

Para quem lida com a educação tendo em vista a formação dos indivíduos vivendo em contextos sociais determinados, é imprescindível que desenvolva a capacidade de descobrir as relações sociais reais, implicadas em cada acontecimento, em cada situação real da sua vida e da sua profissão, em cada matéria que ensina, como também nos discursos, nos meios de comunicação de massa, nas relações cotidianas, na família e no trabalho.

Tais tarefas representam uma significativa contribuição para a formação de cidadãos ativos, criativos e críticos, capazes de participar nas lutas pela transformação social.

Freire (2001,p.96) traz sua contribuição afirmando que:

O bom professor é o que consegue, enquanto fala, trazer o aluno até a intimidade do movimento de seu pensamento. Sua aula é assim, um desafio e não uma “cantiga de ninar”. Seus alunos cansam, não dormem. Cansam porque acompanham as idas e vindas de seu pensamento, surpreendem suas pausas, suas dúvidas, suas incertezas.

Entende-se que a compreensão de cada abordagem metodológica permite ao professor orientar suas estratégias de ensinar e potencializá-las de acordo com as características de seus estudantes. Piaget (2003) afirma “ensinar é provocar a aprendizagem. Portanto, o ato de ensinar está intimamente relacionado com o ato de aprender”. Isso aponta para um compromisso de quem ensina com quem aprende.

Por isso, a atitude do professor e da professora comprometidos, deve ser de estarem em constante pesquisa, em constante busca de compreender o que está ocorrendo. Para que um trabalho como o que estamos propondo aconteça, é preciso que os professores estejam abertos e dispostos a aprender junto de seus alunos. É claro que não podem perder de vista o lugar de poder que ocupam e a diferença que fazem em sala de aula.

Xavier (2008, p. 29) diz que

Os profissionais têm de dominar saberes não apenas sobre práticas de ensino, mas sobre desenvolvimento integral do ser humano, sobre os processos de socialização total dos indivíduos nas sociedades modernas. Têm de dominar conteúdos e processos para estimular o conjunto das capacidades humanas não só cognitivas e intelectuais, mas também sociais, afetivos, expressivos, comunicativos e entender como todas elas interferem nos processos de apreensão do conhecimento

Nesse sentido o papel do professor é de fundamental importância já que ele conhece a escrita convencional e, ao mesmo tempo, conhece as etapas evolutivas do processo de construção da escrita. Compreendendo a apropriação desse sistema de leitura e escrita em sua globalidade é que o estaremos tratando enquanto prática social e cultural que é.

A aprendizagem da escrita é um ato educativo e de afirmar pessoal. Para a criança, livrando-a quando adulta, da vergonha de não saber registrar o seu pensar de forma clara, para que os outros possam entender melhor.

Constata-se que para compreender e interpretar grande parte das questões e problemas da área de educação é preciso lançar mão de enfoques multi/inter/transdisciplinares e de tratamentos multidimensionais. Pode-se afirmar que há quase um consenso sobre os limites que uma única perspectiva ou área de conhecimento apresentam para a devida exploração e para um conhecimento satisfatório dos problemas educacionais. Se os temas e referências se diversificaram e tornaram-se mais complexos entre os anos 80 e 90, as abordagens metodológicas também acompanharam essas mudanças. Ganharam forças os estudos chamados de qualitativos, que englobam um conjunto heterogêneo de perspectivas, de métodos, de técnicas e de análise, compreendendo desde estudos do tipo etnográficos, pesquisa participante, estudos de caso, pesquisa-ação até análises de discurso e de narrativas, estudos de memória, histórias de vida e história oral.

As duas últimas décadas também assistiram a uma mudança no contexto de produção dos trabalhos de pesquisa. Essas novas modalidades de investigação suscitam o questionamento dos instrumentais teórico-metodológicos disponíveis e dos parâmetros usuais para o julgamento da qualidade do trabalho científico. Extrapolam o campo da educação, encorajando o diálogo entre especialistas de diferentes áreas do conhecimento, com diferentes bagagens de experiências e diferentes graus de inserção na prática profissional. Essa posição anima a discussão freireana, de que “ninguém educa ninguém e ninguém se educa a si mesmo, mas os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo”.

Diante de tudo isso, é possível entender a educação como um mecanismo importante na melhoria da sociedade, como um componente na busca por um mundo melhor, onde o professor deve ter o compromisso de reconhecer a

sua profissão identificando que saberes são usados em sua prática, quais não são mobilizados e que deveriam ser que saberes não foram ainda identificados

assumindo assim o seu lugar, dar a sua parcela de contribuição nesta busca de um mundo mais justo, de esperança e não medo, no qual as mudanças necessárias devam ser realizadas.

Na sociedade da informação e do conhecimento, a importância de os professores saberem como os estudantes aprendem ganha força no locus educacional, como forma de assegurar uma aprendizagem significativa. Nessa perspectiva, o professor deixa de ser um transmissor de saberes e passa a formular problema, provocar questões, coordenar equipes, sistematizar experiências, numa valorização permanente diálogo e da colaboração. O foco no como ensinar desloca-se para o como se aprende, questionando paradigmas educativos tradicionais e provocando uma série de mudanças nos enfoques, nos processos e nas práticas educativas, trazendo para a contemporaneidade a discussão e a reflexão sobre os pressupostos teóricos recorrentes sobre aprendizagem, cognição e processos de construção de conhecimento no âmbito educacional.

A atitude do professor é sempre uma referência para as crianças. É o professor quem irá criar situações e dar informações que permitam à criança ampliar seu conhecimento quando entra na escola. É sua função selecionar, organizar e problematizar conteúdos para que o aluno avance em seu desenvolvimento intelectual.

Para quem lida com a educação tendo em vista a formação dos indivíduos vivendo em contextos sociais determinados, é imprescindível que desenvolva a capacidade de descobrir as relações sociais reais implicadas em cada acontecimento, em cada situação real da sua vida e da sua profissão, em cada matéria que ensina, como também nos discursos, nos meios de comunicação de massa, nas relações cotidianas, na família e no trabalho.

Segundo Bacelar e Cunha (2000), um dos múltiplos desafios a ser enfrentado pela escola é o de fazer com que os alunos aprendam a ler corretamente. Isto é lógico, pois a aquisição da leitura é imprescindível para agir com autonomia nas sociedades letradas, e ela provoca uma desvantagem profunda nas pessoas que não conseguiram realizar essa aprendizagem.

De acordo com os (PCN, 2001):

O processo de alfabetização se desenvolve em dois estágios, previsto para durar em geral um ano, o professor deveria ensinar o sistema alfabético de escrita (a correspondência fonográfica) e algumas convenções ortográficas

do português – o que garantia ao aluno a possibilidade de ler e escrever por si mesmo. Esse segundo estágio se desenvolveria em duas linhas básicas: os exercícios de redação e aos treinos ortográficos e gramaticais. (BRASIL, 2001, p. 32-33).

Aborda-se que essa metodologia, se perpetua por muitos anos na escola, acreditando que o domínio do bê-á-bá, seja pré-requisito para o início do ensino de língua. Hoje, sabemos que esses dois processos devem ocorrer de forma simultânea, propondo aos alunos que leiam antes de saber ler convencionalmente. Por exemplo; um aluno que ainda não faz uso do conhecimento sobre o valor sonoro convencional não poderá realizar sozinho uma atividade de ordenação de textos, mas poderá fazê-lo em parceria com o aluno que já faz uso desse conhecimento. Essa diferenciação é que torna possível uma pedagogia de transmissão oral para ensinar a linguagem que se usa para escrever.

E mais os PCN em (BRASIL, 2001, p. 35), chega a determinar o texto como unidade de ensino:

O ensino de Língua Portuguesa tem sido marcado por uma sequenciação de conteúdos que se poderia chamar de aditiva: ensina-se a juntar sílabas (ou letras) para formar palavras, a juntar palavras para formar frases e a ajuntar frases para formar textos.

Essa abordagem aditiva levou a escola trabalhar com “textos” que só servem para ensinar a ler. Se o objetivo é que o aluno aprenda a produzir e a interpretar textos, não é possível tornar como unidade básica de ensino nem a letra, nem a sílaba, nem a palavra, nem a frase. É preciso que a escola, enxergue a totalidade, considerando que através da leitura os educandos não aprendem apenas sobre o próprio ato de ler, mas sobre a linguagem escrita e o mundo em geral. Além disso, é refletindo sobre a escrita convencional que eles podem avançar em suas hipóteses da leitura e escrita.

2.2 Leitura: Novas Perspectivas da Política de Ensino

Por sua complexidade, o fenômeno da leitura tornou-se presente no campo das ciências da linguagem e comunicação ampliando seu âmbito da atuação e

abrangência, oferecendo espaço para estudos e reflexão de propostas sobre o sentido de leitura na escola.

Nas últimas décadas, o ensino da Língua Portuguesa tem se constituído o eixo das discussões acerca da melhoria da qualidade da educação no Brasil, e assim, a questão da leitura e da escrita tornou-se o centro das atenções no que se refere ao fracasso escolar.

Essas evidências apontam a necessidade da reestruturação do ensino da Língua Portuguesa, com o objetivo de encontrar formas que possam garantir de fato a aprendizagem da leitura e da escrita.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (1999, p.54) esclarece que: “A leitura na escola tem sido, fundamentalmente um objeto de ensino. Para que possa constituir, também objeto de aprendizagem, é necessário que faça sentido para o aluno, ou seja, a atividade de leitura deve responder do seu ponto de vista, os objetivos de realização imediata”.

A Lei nº 9.394/96, que as diretrizes e bases para a educação nacional, trata a prática de leitura como um trabalho cuja finalidade é a formação de leitores competentes e, conseqüentemente, a formação de escritores, pois a possibilidade de produzir textos eficazes tem sua origem na prática de leitura, espaço de construção da intertextualidade e fonte de referências modelizadoras.

Os objetivos tradicionalmente prestados à questão da leitura são reformulados pelos Parâmetros Curriculares, passando a incorporar novas finalidades, amplas para um conjunto de diferentes áreas do conhecimento.

Não é possível esperar que os textos que subsidiam o trabalho das diversas disciplinas sejam autoexplicativos. Sua compreensão depende necessariamente do conhecimento prévio que o leitor sobre o tema e da familiaridade que tiver construído com a leitura de textos do gênero. É tarefa de todo professor, portanto, independentemente da área, ensinar, também, os procedimentos de que o aluno precisa dispor para acessar os conteúdos da disciplina que estuda. (PCN, 1997, p. 32).

Atualmente, os diversos estudos a respeito do processo de leitura indicam que não se deve ensinar a ler por meio de práticas centradas na decodificação. Ao trabalhar com a concepção equivocada de que ler é converter letras em sons, a escola vem produzindo grande quantidade de “leitores” capazes de decodificar qualquer texto, mas com enormes dificuldades para compreender o que leem.

Se o objetivo é formar cidadãos capazes de compreender os diferentes textos com os quais se defrontam, é preciso organizar o trabalho educativo para que experimentem e aprendam isso na escola. Para tanto a escola deve preservar a natureza e complexidade da leitura, sem descaracterizá-la. Isto significa trabalhar com a diversidade de objetivos e modalidades que caracterizam a leitura; com as diferentes formas de leitura em função de diferentes objetivos e gêneros.

Formar um leitor competente supõe formar alguém que compreenda o que lê; que possa aprender a ler também o que não está escrito, identificando elementos implícitos; que estabeleça relações entre o texto que lê e outros textos já lidos; que saiba que vários sentidos podem ser atribuídos a um texto; que consiga justificar e validar a sua leitura a partir da localização de elementos discursivos. (PCN, 1997, p. 54).

É necessário, de certa forma, agir como se o aluno já soubesse aquilo que deve aprender. Entre a condição de destinatário de textos escritos e a falta de habilidade temporária para ler com autonomia é onde reside a possibilidade, com a ajuda dos já leitores, de aprender a ler pela prática da leitura.

Trata-se, portanto, de uma situação de aprendizagem que requer do aluno uma atividade reflexiva, a qual favorece a evolução de suas estratégias de resolução das questões apresentadas pelos textos. Essa atividade só poderá ser realizada com a intervenção do professor, que deverá colocar-se como principal parceiro, agrupando seus alunos de forma a favorecer a circulação de informação entre eles, procurando garantir que a heterogeneidade do grupo seja um instrumento a serviço da troca, da colaboração e conseqüentemente, próprio aprendizagem.

A leitura na escola, muitas vezes exerce uma função reprodutora e adentra o estudante a uma leitura descontextualizada. A ênfase demasiada na escrita e principalmente na ortografia impede que a leitura proporcione aos educandos meios de vencer as dificuldades ortográficas da língua, pois não considera que para formar bons leitores necessita-se de estratégias que ajudarão a despertar o interesse e o gosto pela leitura.

A compreensão oral e escrita, bem como a produção oral e escrita de textos pertencentes a diversos gêneros, supõe o desenvolvimento de diversas capacidades que devem ser enfocadas nas situações de ensino. Os textos a serem selecionados são aqueles que, por suas características e usos, podem favorecer a reflexão crítica, o exercício de formas de pensamento mais elaboradas e abstratas, bem como a fruição estética dos usos artísticos da linguagem, ou seja, os mais vitais para a plena participação numa sociedade letrada(PCN,1997,p.24).

O tratamento didático, portanto, precisa orientar-se de maneira heterogênea. As propostas apresentadas pelos PCN (1997) toma a linguagem como atividade discursiva, o texto como unidade de ensino e a noção de gramática como relativa ao conhecimento que o falante tem de sua linguagem. Uma prática constante de escuta de textos orais e leitura de textos escritos e de produção de textos orais e escrita sobre os múltiplos aspectos envolvidos possibilita a expansão e construção de instrumentos que permitem ao aluno, progressivamente, ampliar sua competência discursiva.

O trabalho com leitura tem como finalidade a formação de leitores competentes e, conseqüentemente, a formação de escritores, pois a possibilidade de produzir textos eficazes tem sua origem na prática da leitura, espaço de construção da intertextualidade e fonte de referências modelizadoras. (PCN, 1997, p. 53).

O fracasso dos objetivos relacionados à formação de leitores e usuários competente da escrita é atribuído à omissão da escola e da sociedade e constitui um entrave ao exercício pleno da cidadania.

Por outro lado, em relação ao ensino da língua portuguesa, os programas oficiais estabelecem que “o ensino da língua visará ao cultivo da linguagem que enseje o aluno o contato coerente com seus semelhantes e a manifestação harmônica de sua personalidade nos aspectos físicos, psíquico e espiritual, ressaltando-se a língua como expressão da cultura brasileira”. Espera-se também que ao longo dos oito anos do Ensino Fundamental, os alunos adquiram progressivamente uma competência em relação à linguagem que lhes possibilite resolver problemas da vida cotidiana, ter acesso aos bens culturais e alcançara a participação plena no mundo letrado.

A lei 9.394/96 recomenda para a prática de escrita e de leitura o uso de textos literários, de imprensa, de divulgação científica, de publicidade. Sugere aos professores que usem em suas aulas preferencialmente o conto, crônica, poema, artigos e notícias de jornais, editorial, tira verbete enciclopédico, relatório de experiências e textos de propagandas. Isso apenas comprova a tese de que a teoria é uma e a prática é outra.

Os textos didáticos não refletem o cotidiano escolar, o cotidiano familiar, as diversões, as atribuições diárias de caráter popular em que os leitores estão

inseridos. Este aspecto distancia ainda mais o aluno do livro, levando-o a preferir coisas bem diferentes daquelas impostas em sala de aula.

A escola também não cumpre seu papel de alfabetizar funcionalmente a população, isto é, prepará-la para conseguir ler com compreensão adequada. Este deveria ser o desafio do aparelho escolar para que os alunos pudessem utilizar a leitura para solucionar problemas da vida cotidiana.

A escrita social é rejeitada pela escola como se ela não estivesse presente na rua, nas lojas, e nossa casa. Esta concepção exclui do processo de aprendizagem as situações para as quais esta aprendizagem é fundamental. Além disso, a escola continua 'se' preocupando com um modelo imutável de leitura, sem levar em conta a existência na escrita diversificada e a evolução das várias modalidades de leitura.

A crise na leitura também é atribuída a outro fator importante: a preparação deficiente do professor que o impossibilita de fazer um trabalho satisfatório. Todo professor, não só o de português, é responsável pelo ensino e encaminhamento da leitura.

O professor não deve encarar a leitura e a biblioteca como simples acessórios de trabalho. Ensino e biblioteca são instrumentos que se completam. A biblioteca deve funcionar como um centro irradiador de cultura tanto para o aluno como para o professor.

Na concepção de Silva (2008,p. 22), (...) a família, a escola e a biblioteca são entidades consagradas e atuantes que, por seu funcionamento, têm condições mais amplas para se tornarem agentes divulgadores da cultura e, portanto, cumpre um papel mais consciente e consequente na formação e orientação de leitores.

É necessário que o professor se torne um professor-leitor e participador da leitura, desenvolvendo um trabalho libertador e impulsionador de novas leituras.

Para deixar de ser um mero transmissor de conteúdos e assumir o papel de facilitador da aprendizagem, o professor precisa aprofundar seus conhecimentos referentes às questões de leitura, ter uma atitude positiva e atenta frente aos alunos e uma sensibilidade para os interesses e possibilidades de cada um.

Tendo em vista os aspectos anteriormente expostos, percebemos que uma pedagogia de leitura não tem conteúdo exclusivamente didático ou técnico, dependendo também, e principalmente, do projeto político e teórico que a fundamenta.

É necessário o reconhecimento das contradições existentes dentro da escola e das aulas de leitura, a fim de se defrontar posturas e metodologias ultrapassadas e inócuas com outras propostas de encaminhamento e orientação, embasadas teoricamente e viabilizadas politicamente pelos professores.

As instituições podem ser avaliadas pelo tipo de projeto confiado a leitura e esta por aquele. O trabalho com o texto destina-se ao seu desnivelamento e este evidencia suas relações internas visando à comunicação e persuasão, bem como o seu lugar na cultura e na sociedade. Uma escola aspirante à mudança social espera que a leitura dos textos propostos constitua uma pedagogia da leitura que deve objetivar a transformação do leitor e, através deste, da sociedade.

Diante dos pressupostos aqui mencionados, percebe-se o grande desafio que se coloca em relação à prática da leitura na escola, fazendo-se necessário por parte dos educadores uma revisão de suas posturas pedagógicas frente ao encaminhamento e orientação da leitura e assim buscar o seu renascimento ou a sua reocupação em termos qualitativos.

2.3 Importância da Leitura no Ensino Fundamental

Nos últimos anos, com o desenvolvimento tecnológico e econômico, os trabalhos de pesquisa sobre leitura, têm sido caracterizados como um dos ramos mais novos da ciência projetando nova luz sobre o seu significado, não só em relação às necessidades da sociedade, mas também às do indivíduo. O “direito de ler” significa igualmente o de desenvolver suas potencialidades de aprender e progredir.

Nesse sentido Silva (2011, p. 9) afirma:

Ler é ter uma fonte de imaginação e é através dela que se obtêm respostas a todas as indagações. O domínio da leitura traz ao mundo dos conhecimentos, o raciocínio lógico. Ninguém é capaz de ser grande pesquisador se não faz dos livros seu amparo, fazendo conexões com a vida para assim o recriar. Em outras palavras, a leitura deve ser feita de forma concreta, ou seja, tenha significado com o real do leitor que deixará de ser objeto da leitura para se tornar o sujeito ativo na construção do significado.

Ler um livro de literatura seja infantil, juvenil ou adulta é uma experiência

absolutamente individual, subjetiva e mesmo afetiva. Por isso o ideal é que aconteça sem cobrança de notas ou de fichas de leitura para preencher.

Para o autor o ensino das séries iniciais pode ser tornado como sinônimo de leitura, de modo que as crianças possam se situar no mundo da escrita.

O ensino fundamental constitui a meta prioritária na nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB 9.394/96, na qual determina que os Estados e Municípios tenham o papel de colaborar com meios de recuperar o sistema educativo, na busca de um ensino de qualidade capaz de formar cidadãos que interfiram criticamente na realidade para transformá-la e não apenas para que se integrem ao mercado de trabalho.

A escola tornou-se e continua sendo a principal instituição responsável pelo ensino dos mecanismos de ler e escrever em qualquer nível de escolaridade. Embora seja frequentemente ensinada para muitos aprendizes, a leitura nunca é uma atividade abstrata, sem finalidade, como afirma Smith (1989, p. 10) “a leitura nunca pode ser separada das finalidades dos leitores e de suas consequências sobre eles”.

A leitura foi considerada até a década dos anos 80, simplesmente um meio de receber uma mensagem importante. Hoje, porém, a pesquisa nesse campo definiu o ato de ler, em si mesmo, como um processo mental de vários níveis, que muito contribui para o desenvolvimento do intelecto.

Estudos psicológicos revelam que o aprimoramento da capacidade de ler também redonda no da capacidade de aprender como um todo, indo muito além da mera recepção. Por essa razão a leitura é uma forma exemplar de aprendizagem e um dos meios mais eficazes de desenvolvimento sistemático da linguagem e da personalidade.

O processo de alfabetização é considerado como pré-requisito para o desenvolvimento da leitura. É nele que permitimos as pessoas compreender e transformar o significado e o potencial das mensagens expressas através da escrita. Desta forma, significa dizer que ser alfabetizado é ter possibilidade de penetrar no mundo da leitura e da escrita, abrindo novos horizontes culturais.

Para tanto, compreendermos que a leitura é um dos instrumentos desconhecimentos e transformação dessa memória. Assim afirma Silva (2008, p. 12), “o processo de leitura é uma atividade que possibilita a participação do homem na vida

social, em termos de compreensão do presente e passado e de transformação sócio-cultural futura”.

A leitura sempre esteve historicamente vinculada à escola, ela ocupa um lugar primordial na aprendizagem, repercutindo especialmente na organização formal do raciocínio e expressão e atuando na transformação e produção do conhecimento. “aprender a ler, a escrever, alfabetizar-se é, antes de tudo, aprender a ler o mundo, compreender o seu contexto, não numa manipulação mecânica de palavras, mas numa relação dinâmica que vincula linguagem e realidade”.

O ato de ler é complexo envolve apreensão, apropriação e transformação de significados. É senso comum que a leitura em nossos dias se apresenta como assunto importante que envolve tanto pessoas ligadas a essa função, como outras de algum modo implicadas nas consequências advindas de tratamento menos científicos do problema. Compreende-se dessa forma o interesse atual da psicolinguística, sociolinguística.

Em sua complexidade, o fenômeno da leitura tornou-se presente no campo das ciências da linguagem e comunicação, cujos estudos estão direcionados para a reflexão de propostas sobre o sentido de leitura na escola e para uma visão mais completa do ato de ler.

Zilberman (1991,p. 112) explicita a importância da leitura na relação dos indivíduos, afirmando que ela é

Compreendida dialeticamente, a leitura pode se apresentar como um instrumento de conscientização, colocando-se neste caso, com um meio de aproximação entre os indivíduos e a produção cultural, podendo significar a possibilidade concreta de acesso ao conhecimento e a condição de poder de crítica do leitor.

De forma conceitual, dizemos que a família é a primeira escola porque prepara a criança para o mundo. Por outro lado, podemos dizer que a escola é a segunda família do aluno. Toda essa importância dada a nossa escola requer o seu compromisso com a formação plena do indivíduo.

É pelo ato comunicacional que todo indivíduo expressa suas expectativas de vida, falando e questionando seus direitos. À luz da escola, pode-se dizer que é pela linguagem que o homem concretiza seu pensamento. Seja pela palavra, pelo discurso, pelas manifestações da linguagem que seu mundo toma sentido. Nesse cenário de vida, é pela leitura que seus objetivos podem ser alcançados.

A leitura é uma atividade construtivista e criativa e deve ser pensada como um ato existencial. É inegável a sua importância na formação de leitores críticos e participativos, capazes de ler para conhecer o mundo, conscientes de seu papel na sociedade. Neste momento, a tarefa do professor é fundamental como mediador nas trocas que se estabelecem para a construção da aprendizagem.

O processo de leitura, se produzido numa linha de experiências bem sucedidas para o sujeito-leitor, significa dizer que existe uma possibilidade de repensar na realidade e na compreensão dos aspectos que o ato de ler compreende.

Para Batista e Galvão, (1999,p. 19) “em oposição às formas tradicionais, a atenção atual é marcada pelo interesse de extensão da leitura a outras disciplinas que compõem o campo das ciências sociais e uma consequente diversificação teórica e metodológica”. Evidenciando-se assim, por uma tendência a não apenas buscar o ato de ler em suas relações com a história, à sociedade e a cultura, mas também a fazer desse exame o lugar da integração do conjunto de estudos sobre leitura.

Por outro lado, o alfabetizar passou a exigir um profissional especializado, com a tarefa de tomar os signos da escrita inteligíveis à criança convertendo essa atividade do professor num fim em si mesmo. Se ler e escrever vive junto, nem sempre se explica sua relação com o texto escrito, objeto que os motiva e possibilita.

Zilberman (1988,p. 16) refere-se à relação da leitura e com o texto de seguinte maneira.

O processo começa pelo esvaziamento das relações entre a leitura e o texto. Distanciada de seu objeto, torna-se vazia, procurando preencher a bagagem com novos conteúdos que tomam coloração programática: aprender a ler, para vencer na vida e prosperar.

Contudo, ainda estamos longe de um conhecimento pleno de todos os aspectos cognitivos de que depende o ato da leitura. Somente a partir das últimas décadas, novas contribuições da linguística e da psicologia abriram caminhos alternativos e deram uma ideia mais real da globalidade desse processo.

Atualmente se admite que a leitura seja um processo de interação entre o texto e o leitor. É um processo ativo que não se esgota meramente no sentido literal.

Nesse aspecto, a leitura passa a ser entendida como um ato social entre leitor

e autor que participam de um processo interativo.

A atividade de leitura em sala de aula conforme aponta Kleiman (1997), ninguém gosta de fazer aquilo que é difícil demais, nem aquilo do qual consegue extrair o sentido. Essa é uma boa caracterização da tarefa de ler em sala de aula:

Para uma grande maioria dos alunos ela é difícil demais, justamente, porque, não faz sentido.

Defende-se a ideia da autora, porque ler é compreender não apenas decodificação é um momento em que professores e alunos possam dialogar, trocar informações refletir sobre as diversas modalidades textuais.

Os conceitos de texto e leitura que fundamentam as práticas na escola ainda na visão de Kleiman (1993), mostrando que:

- a. Os livros didáticos estão cheios de exemplos em que o texto é apenas pretexto para o ensino de regras sintáticas e o professor utiliza-o apenas para uma série de atividades gramaticais onde a língua é analisada enquanto conjunto de classes e funções da gramática, privando o mesmo de ser descrito como falas, opiniões, descrições, transformando-o em unidades separadas.
- b. Àquela visão do texto, relaciona-se outra visão de que o texto é um conjunto de palavras, e o papel do leitor se resume em extrair informações através das palavras. Como consequência, forma-se um leitor passivo, acomodado à situação, sem condições de construir o sentido do texto.
- c. A leitura como decodificação é uma prática comum na escola, baseada numa atividade composta de automatismo de identificação e parâmetro das palavras do texto com palavras idênticas, constituindo numa tarefa de mapeamento entre a informação gráfica da pergunta e sua forma repetida no texto.

Ainda conforme Kleiman (2002), o professor precisa desenvolver, junto aos alunos, um ambiente de aprendizagem, de modo que todas as vozes, de fato, se comuniquem, pois é através do diálogo que a leitura desenvolve seu caráter interativo.

Desta forma, percebe-se que tal situação de ensino reflete uma visão

de leitura unidirecional e restritiva, de forma que o significado do texto se dá apenas ao que está nele explicitado. Não se chega às entrelinhas e, a prática na sala de aula não propicia a interação entre professor e aluno. Entretanto, observa-se que é durante a interação, a conversa sobre os aspectos relevantes do texto que os pontos obscuros iluminados na construção conjunta da compreensão.

Boa parte de leitores, costuma criticar o livro didático por esse estado de interação da leitura com leitor. Na verdade, podem ser outras as razões. A escola e o professor, preocupados com a função de ensinar a ler, escrever e contar privilegiam esses objetivos em detrimento dos demais.

Para tanto, a escola deveria se preocupar em desenvolver estratégias para o ensino eficaz da leitura de acordo com o amadurecimento do leitor. Cabe desta forma, a esta instituição escolar, proporcionar o contato com os livros e fazê-lo corretamente para que a leitura torne-se uma atividade prazerosa e criativa.

Assim, cabe também ao professor não restringir-se a leitura apenas ao livro didático, pois, quanto maior a variação de textos maior será a predisposição do aluno para uma leitura generalizada.

Mediante aspectos expostos, percebe-se que à pedagogia da leitura não tem conteúdo exclusivamente didático ou técnico, depende também, do projeto político e teórico que a fundamenta. Assim, a metodologia de leitura decorre do trabalho com o texto, considerando, em primeiro lugar, seus diferentes tipos, pois ele pode abrigar formas variadas de expressão; depois, a adequação ao leitor, dependendo de um lado da inteligibilidade do material e, de outro, da naturalidade e disponibilidade do sujeito.

Na concepção de Soares (1998, p. 47) “alfabetizar e letrar são duas ações distintas, mas não, inseparáveis, ao contrário: o ideal seria alfabetizar letrando, ou seja, ensinar a ler e escrever no contexto das práticas sociais da leitura e da escrita, de modo que o indivíduo se torne, ao mesmo tempo, alfabetizado e letrado”.

Na concepção de Soares (1998,p. 47), o leitor diante dos vazios do texto, deve encontrar pontos de indeterminação que preencherá de acordo com seu próprio imaginário ou a “consciência imaginativa do leitor”. Criam-se assim, a possibilidade de um “leitor ideal” que preencheria os vazios do texto com uma leitura interpretativa.

Assim, o mesmo afirma que:

A função do vazio consiste em provocar no leitor operações estruturadas. Sua realização transmite à consciência a interação recíproca das posições textuais. É pela sequência das imagens conflitantes surgidas dos vazios do texto que o significado do texto se torna vivo na consciência imaginativa.

Formar leitores é algo que requer condições favoráveis, não só em relação aos recursos materiais disponíveis, mas, em relação ao uso que se faz dos mesmos nas práticas de leitura. Para tanto, a escola deve dispor no mínimo de uma biblioteca, mesmo que seja com poucos livros e outros materiais de leitura, mas que sejam diversificados, nas diversas áreas do conhecimento que permitam a leitura por parte dos alunos.

Mediante tal pressuposto, faz-se necessário que o professor esteja consciente da necessidade de formar leitores capazes de ler o mundo nos seus variados contextos, e de participarem criticamente do processo de transformação social. Assim, não apenas o professor de Língua Portuguesa, mas todos deve ser também um professor de leitura. É a forma como ele se relaciona com os alunos, que vai determinar o relacionamento dos mesmos com o conteúdo, principalmente com a leitura no momento da aprendizagem. Bem como, na interação onde os sujeitos se constituem como tais, autênticos leitores.

3. METODOLOGIA E ANÁLISE

A metodologia utilizada nesta pesquisa bibliográfica foi a observação e a intervenção. Para isso foram analisados textos, revistas. Vários livros foram consultados e procurou-se uma maneira de abrir as discussões com as professoras, mostrando a elas aquilo o que diz Kleiman (1997), ninguém gosta de fazer aquilo que é difícil demais, nem aquilo do qual não consegue extrair o sentido.

Durante o estudo foi possível analisar também as preferências dos alunos por atividades como jogar vídeo game, assistir televisão e etc. Com isso pode-se perceber que a leitura como está sendo exigida por alguns professores envolvidos nesse estudo, perde seu espaço dentro e fora da escola por não existir uma relação com as atividades preferidas pelas crianças e conseqüentemente o distanciamento do tipo de texto e assunto preferido por elas.

Para identificar os problemas que mais contribuem para existência de pouca leitura nas séries finais do ensino fundamental e para que pudéssemos aprofundar mais na compreensão da prática da leitura e observar as dificuldades que o professor enfrenta no desenvolvimento dessa prática em sala de aula organizamos uma roda de conversas informais e dentre as colocações feitas pelo grupo podemos destacar que são atribuídas à família uma parcela de culpa maior por não acompanhar os filhos nas atividades escolares.

Sem dúvida a falta de acompanhamento pela família é uma das causas, no entanto não é a principal tendo em vista que a falta de acesso a determinados bens materiais pelos alunos que são reconhecidamente da zona rural e das camadas menos favorecidas da nossa sociedade.

Nas discussões mostramos às professoras aquilo que diz Paulo Freire, “O professor é o primeiro pesquisador, na investigação dos seus próprios alunos”.

Sem dúvida, as crianças da geração da informática mergulham cada vez mais cedo num mundo dos símbolos e dos códigos, manipulam seus brinquedos e os aparelhos eletrônicos que encontram, com mais facilidade, com mais destreza que seus próprios pais e professores.

No entanto, o uso do computador não pode e nem deve ser comparado com a manipulação de brinquedos eletrônicos repetitivos e usado mecanicamente. Quando seu uso é adequadamente orientado, oportuniza o desenvolvimento e organização do pensamento.

Mostramos também aos professores que os tempos mudaram, é certo, mas é preciso que mudemos também. A resistência as mudanças por parte de alguns professores faz com que o trabalho com leitura não seja atraente por isso concluímos que é a rejeição a leitura evidenciada na escola poderá ser amenizada, caso seja modificada a forma como ela é apresentada as crianças.

4. CONCLUSÃO

Considerando as relações entre escola e leitura, e partindo do pressuposto de que, o aluno está inserido nestas relações, compreendemos que a aprendizagem da leitura não se concretiza efetivamente sem a ação mediadora do professor que se realiza no contexto escolar. Entretanto, essas relações não devem se estabelecer de forma automatizada, mas através de estreitas afinidades.

Atualmente, a ênfase na política da leitura, e o estímulo para uma prática contínua, coerente e conseqüente que proporcione na formação de leitores, são temas de preocupação e discussão nas escolas brasileiras. A história da leitura e da escrita tem, de forma crescente, chamado a atenção dos educadores, como elementos inseridos neste processo e que passam a abordar aspectos necessários para a compreensão desta problemática.

As técnicas de promoção e incentivo à leitura encontram-se desvinculadas da condição geral da educação e as crianças da escola pública, na sua maioria, passam a serem vítimas, não tendo o privilegio de conviver com os livros, devido a fatores econômicos e culturais. Cabe neste momento, à escola proporcionar este contato e fazê-lo de forma correta para que seja considerada uma atividade prazerosa tanto para o educando como para o educador.

É necessária uma observação mais intensa nas relações sociais da leitura, tomando como bases as experiências e as teorias, numa perspectiva nunca individual, mas, sob um contexto interdisciplinar que facilite as articulações como também as contradições existentes no processo de ensino de leitura. Uma reflexão nessa dimensão permitirá a revisão dos fundamentos teórico-metodológicos de leitura e suas conseqüências na ação da escola e no papel do professor.

Considerando nossa experiência pedagógica, temos observado que todos os alunos se mostram favoráveis a uma prática de leitura que tenha como ponto de partida, as leituras que lhes interessem, para que os mesmos possam se identificar nos textos lidos. Neste sentido, faz-se necessário uma seleção do material que ative o gosto pela leitura como forma de atingir os objetivos propostos da leitura, de modo que o leitor se sinta, de alguma forma, representado no texto que lê. Assim toma-se imprescindível os argumentos de BAMBERER (1995, p. 46) que coincidem com os alunos: (...) do ponto de vista do efeito, há prejuízo se faltam fatores que suscitem atração emocional ou identificação de aspectos humanos comuns entre obra e leitor.

Nesta perspectiva, a metodologia de ensino da escola deve contribuir para a transformação das expectativas do aluno, o que só se torna possível através da operacionalização de métodos e atividades que desenvolvam o interesse e o prazer pela leitura.

A leitura na escola tem sido ao longo do tempo, um objeto de ensino. Compete aqui, aos profissionais da educação contribuir para que ela se torne também um objeto desta aprendizagem.

Constatamos que a prática docente em relação à leitura ainda está fundamentada basicamente em livros didáticos com poucos para-didáticos e embora reclamem desse material, continuam a utilizá-lo. Dessa forma, não há uma seleção de livros ou textos em função dos interesses dos alunos, alguns textos são apreciados, principalmente aqueles que se referem a romances e literatura que não há ficção, ou seja, como uma escolha prévia dos professores, levando em conta que poucos alunos têm o hábito da leitura, facilitaria a aceitação. Além disso, os próprios professores têm pouco contato com a leitura literária, de modo que se torna difícil até mesmo para ele orientar seus alunos para a leitura de poemas que, certamente, levaria a uma experiência prazerosa.

No que diz respeito às condições de trabalho, já são conhecidas as queixas dos professores em relação ao número elevado de alunos em sala de aula, dificultando assim uma assistência melhor por aluno, a necessidade de recursos didáticos que favoreçam a dinamização das aulas de leitura; o tempo reduzido para a leitura e problemas relacionados com os alunos, tais como: falta de hábito de leitura, desinteresse diante dos textos e dificuldades para a compreensão do que leem.

Apesar dos problemas e dificuldades relacionadas ao ensino e condições de trabalho com a leitura, a metodologia de trabalho dos professores por outro lado, deixa a desejar para reverter o que eles próprios colocam. A cada ano, os textos dos livros didáticos são repetidos, quando poderiam lançar mão de um acervo com diversos gêneros de leitura e de outros recursos como rótulo e embalagem, propagandas de produtos da mídia, debates, entre professores e alunos, apresentações através de murais, cartazes e vídeos que facilitasse sua prática pedagógica voltada para a formação de leitores.

Os questionamentos podem ser levantados a partir dessas reflexões, tais como os problemas que envolvem o ato de ler e que tem influenciado negativamente

na prática da leitura, bem como os fatores de interesse dos alunos relativos à leitura, aliados a sugestões apresentadas para tornar mais atrativo o seu ensino. Seriam estes procedimentos simples que permitiriam ao professor conhecer a diversas dificuldades que se apresentam no seu trabalho na formação de leitores efetivos de forma que, sejam conciliados seus interesses com os da escola e com as dos professores durante a efetivação do processo de leitura na escola e no mundo em que eles vivem.

5. REFERÊNCIAS

BACELAR, Lucidalva; CUNHA, Maria Josenilde Costa (Org.). **Metodologia do ensino de português**. Fortaleza: Universidade do Vale do Acaraú, 2000.

BAMBERER, Richard. **Como incentivar o hábito da leitura**, Trad. Otávio Mendes Cajado 6. Ed. Lia: Ministério da Educação e do Desporto – SEED. Brasília, 1995.

BATISTA, Antônio. G. B.; GALVÃO, Ana. M. de O. (org.) **Leitura:práticas, impressos, letramentos**. Belo Horizonte: Autêntico, 1999.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais. Brasília: MEC/SEF, 1996.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental: Língua Portuguesa. Brasília: MEC/SEF, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários á prática educativa**. 7ª edição. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

KLEIMAN, ÂNGELA. **Oficina de Leitura: Teoria e Prática**. Campinas - SP: Pontes, 2002.

_____. **LEITURA:Ensino E Pesquisa**. Campinas – SP: Pontes, 2008.

KOCH, INGEDORES. G. V. **Argumentação do Letramento** – Campinas; Mercado de letras, 1997.

ORLANDI, EriPulcinelli. **O inteligível, o interpretável e o compreensível**. In Regina Zilberman (org.). **Leitura: perspectivas interdisciplinares**. São Paulo: Ática, 2001.

SILVA, Ezequiel Teodoro da. **Leitura e realidade brasileira.** 4 ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2008.

SMITH, Frank, **Compreendendo a leitura: uma análise psicolinguística da leitura e do aprender a ler.** Trad. Daise Batista. Porto Alegre; Artes Médicas, 1989.

SOARES, MAGDA BECKER. **As condições sociais da leitura: uma reflexão em contraponto.** In Regina Zilberman (org.). **Leitura perspectivas interdisciplinares.** São Paulo: Ática, 1998.

PIAGET, JEAN. **A epistemologia genética.** São Paulo: Abril Cultural. 1978 (os pensadores), 2003.

VARGAS, SUSANA. **Leitura: uma aprendizagem de prazer.** Rio de Janeiro: José Olímpio, 1993.

XAVIER, Maria Luíza M. F.; DALLA ZEN, Maria Isabel. **Planejamento em destaque.** Porto Alegre: Mediação (2008)

ZILBERMAN, Regina. **Leitura: uma aprendizagem de prazer.** Rio Janeiro: José Olímpio, 1991.